

CAMI

NHO

NORBERTO VALÉRIO
MIGUEL GOMES

ROTA DO
ROMÂNICO

DE

EN

CANTO

ROTA DO ROMÂNICO
CAMINHO DE ENCANTO

NORBERTO VALÉRIO
MIGUEL GOMES

O olhar acumula-se, sem sentidos,
a cada passo do caminho. Feliz
pelo ornamentado trilho que se
ergue, diariamente, treinam-se
sentimentos a cada mão que se
toca. O espanto mora ao virar
da esquina, no pó esquecido,
a sina, nas lendas que se tornam
pigmento, no calar de todos os
que ombream gigantes e que
por eles não reza o momento.
Nas páginas seguintes, de par a
par, as janelas do que percorremos
sem saber ainda, na altura,
entre nuvens e brisas de brandura,
os olhares e as letras que pendem
do sonho de ver um trabalho
concretizado. ¶ Este é o nosso
batizado, nascido e criado.
Filho que se ergue ao som dos
conselhos, por entre concelhos,
em dose dupla, que mais pudessem
ser!, fruto da amizade e das

muitas imagens que não podemos
partilhar, pois de incrustadas
em nós, na íris, na retina,
na ausência de voz, acomodam
as lembranças de papel que caem
a cada recordação do momento.
Tu, que lê, és o verdadeiro
monumento. ¶ O conhecer,
desvendar, com as personagens
conversar e saber, no fundo,
de morto apenas o vocábulo,
isto é o mundo!, quem se quer
caminho despe-se vagabundo,
não poderemos alcançar o
invisível se nos tornarmos pintura
de outrem. ¶ Por isso, amigo,
amiga, ilustre desconhecido,
desconhecida, aceita o convite
e segue, pela vida, sem pranto,
pela rota, caminho de encanto.



Dobram as nuvens por mim
sem que dos sinos uma badalada sequer
ecoe
nesta pradaria nublada.
Do lado de lá da vida um grito
que se arrasta no empedrado túmulo
e faz abrir a porta das armas de Cristo.

Nenhum homem é uma torre,
apenas soldado,
ignorado,
vento na esquina assobiado
ventre de um torrão mal arado.
Não pendem vísceras para alimentar o mundo
e eu
com fome
alimento-me deste meu ser vagabundo.

Aqui, tão alto,
sentindo-me mais baixo que o fundo,
ergo-me à ergonomia e clamo
sem acordar as teias que pendem dos portões fechados
se de todos nos querem irmãos
porque nos moldaram os punhos fechados?

Daqui revejo o adeus
sem que despedir o possa fazer
além destes longos braços meus,
há mais torres por onde sofrer
alturas mais do céu de menos
onde o peso que carrego não faça a pedra ranger,
nem me sufoque sentimentos,
cada homem é feito de mulher
e no leito procura o seio,
sei-o, agora, cego
em meus braços cansados o peso carrego
que elevo
à altura de uma cruz,
eis-me aqui soçobrando à meia luz,
ladrihado de séculos
com vestes que me despem
nu
ao arrastado das viajantes e errantes nuvens pergunto
porque não vens buscar-me Tu?



De que oposto vens tu
renegado,
filho da noite,
do pecado,
quem te traz pela mão
traz na outra a gadanha
que ceifará teu coração...

Há de um dia o dia erguer a cabeça
e nos céus reflexo encontrar
entre o que vê e o que alcança
pelo meu vale terá que passar...

Não sobram laços
apenas nós
ao encontro do solo,
porque chão se faz agora com pedaços
de sombras caídas
dos nossos abraços...

Soçobra e descansa,
dois chilreios do fundo do teu corpo
prostrado é
todo o silêncio que te descansa,
e a quem deves vida tu?
que emaranhado pretendes pagar?
não te chegam os crepúsculos
aos quais chegas a arfar?

Não se escarpam as tuas mãos
apesar do passo falheiro,
procurarás algures o lugar dos bons
a metade de ti
que te faça inteiro?
/...

... /
Pé ante pé
a passo do vil
cego pelo desejo de desejo tê-lo,
não quererás tu
oh servil
ser apenas novelo?

Segue-te,
ecoa apenas o teu andar,
sua-te
e mancha-te com o que sobra de teu sal,
eis-me contigo
sem que sejas porto
ou abrigo
de quem te quer partido
e das amarras que de ti se fazem vestido
corre, vai, nu!
Quando despises de ti o emaranhado a teus pés
conhecerás, enfim, aquele quem És!



Ainda que nos separe a oração
e toda a prosa diária
que carrego em forma de calos na mão,
ainda que de voz me sinta calada
por mim,
por vós,
ainda que a luz opaca e espessa de esperança
transporte sombras longitudinais
tu, que nunca do altar saís,
podes levar-me onde minha fé não alcança?



Gosto da fluência das rugas
na face,
cada sulco dermatico um trilho,
uma vontade,
o percurso percursiado
numa palavra nova
a que tento reduzir ao mesmo denominador:
Viver.

Gosto do inaudível tique taque com que tu,
Deus,
brindaste o Universo,
um dia de cada vez,
de cada um aos seus,
o amor nosso de cada dia nos dai hoje,
porque o pão esse sairá das mãos,
salgado pelo suor de quem perdoa os seus devedores
e a si.

Gosto da curiosidade sadia
uma criança que me pergunta o que é o infinito.
A resposta não iniciada nem finalizada,
como quem se aguarda,
a intemporalidade que esprieta a cada semicerrar dos olhos
o pestanejar dos sonhos
quando se sonha numa vida acordada.

O amor nosso de cada dia nos dai hoje.
E se não for pedir muito, amanhã também.
Ámen...
Amem...



Esgueiro-me
por detrás deste ondulado rebuscar
de estranhas pétalas
em franja,
espreito-me,
a porta fechada
honras pentagonais à guarda,
quis-me o recordar
ser escorreito
do nada chegar a granja
e, em par,
fazerem-me túmulo.

Bato à porta
abre-se-me o peito
tenho cá dentro milhões de nadas
todos vestidos a preceito,
eu
féretro sem roupa
(quem nada tem sempre tudo poupa)
se vão em vida terrena
sepulcrem-me
como se quer toda a tinta na pena,
escorrendo do dia
forma tosca de grafia
caindo sem nunca tocar o chão,
cinzelem na morada do meu corpo terreno
(porque o outro é eterno),
como único fiel companheiro,
meu bordão.

Dispo-me
aos pés jazem pecados
formas de mal
incongruo-me
eternizo-me
longe da conspurcada teoria social.

Sem corpo
posso apenas postura
sim, sei-o, de pedinte
louco
talvez ignorância da agrura
sabedoria,
tudo um pouco...
quero-me distante
imprevisto
a badalada atrasada de um sino,
recorda, tristeza, há forma melhor de nobreza?
que as vestes de um peregrino?



Entro compassado de mão dada à tua ancestralidade,
quisesse-me da vida órfão
neto de um gesto de caridade
nascendo uma e outra vez
aniversariando a adversidade.

No repouso aquecido do calor das tuas pedras
sou coragem retida pelo muro cobarde
enquanto os sinos uivam
aquele que findo se fez idade
uns dele se fazem erguidos
nas campas que de negro outros cuidam.

Aqui se morre antes de nascer
cansado pelas águas
e tristezas
que me passam pelo olhos a correr,
desabada
a ruína contorce-se em fragmentos
na crença, a ausência num sudário
vai caminhando pé ante falso
no abrigo de um campanário
filho de outro filho
solitário.

Viajante de uma nave imaginada
ostento-me pelo cair dos dias
porque o feminino envolto em minha cara
será muralha
impenetrada,
dos furos da minha arcada.



Partilho contigo a aridez das estações,
encosto a cara ao musgo
verde
veludo
que te vestia nas minhas orações.
Sei de cor a cor
das nuvens que te namoravam,
poderia ser amor
não fossem as ténues clareiras noturnas
brincadeiras que por ti chamavam,
terra de gigantes,
reis
peões
xadrez monocromático na recordação de infância,
vida e morte
felicidade
na sua infinitesimal ignorância.
Ladeio ainda a vontade assaz
o tronco vazio
um palheiro,
o frio,
pedra basilar
de ti para os outros
descobrir-te passado sem para trás olhar.

Poucos dias quase tinham mil anos
orar era ainda não temer
ser madeira,
seiva
homem a crescer,
repousar mão viçosa
pueril
em água corrente e sorver,
domingar catequeses
mistérios celestes
teu ventre caminhar na desenvoltura dos dias
sinos que badalavam
frequências de profecias,
onde foram, quem ausentavam?,
no repique gaguejado acompanhando ao túmulo
amigos com passos ainda por dar,
eras tu quem me consolava
“não chores,
estão agora a começar”.
/...

... /
Que te escrevo
oh gigante
se de meu dia sabes tu meu amanhecer,
vi-te cansado
cego
prostrado inseguro
o passado trespassado pelo ferro,
que te escrevo
oh gigante
se de meu silêncio sabes tu meu esmaecer.

Enchi o ver de idade
cerrando lentamente a caneta às letras
à vaidade,
crescesse-me no peito arte
traço fino pontilhado, no passado, a desenhar,
fosse eu digno de nascer dos teus ramos a envelhecer,
que nome darei ao mundo
quando me fores escurecer?
A quem irei contar
que um dia foste dia e, eu, criança,
chamei-te luar..



Trazes-me das tuas viagens
o pó,
a prece eremita
de quem no deserto do mar
se fez ao céu e acredita,
nos sons
e na vida,
nos anjos que tocam esta melodia
em incolores tons
de criançada em dia de romaria.

Trazes-me do teu pó
as viagens,
o largo estreito que nos uniu
onde o eterno, desequilibrado,
do tempo caiu.

E vejo-te,
no rubor das mãos
e no joelho ensanguentado,
chagado,
de voltas à vida a orar
e prostrar à fé,
rogas-me neste chão nu
sem imaginares que nesta odisseia
o milagre que me pedes
és tu.



Inundo-me nos reflexos da intemporalidade,
de olhar cabisbaixo
percorro o meu próprio caminho,
na espada sobra-me apenas a bainha
que tilinta pelo chão
e esbate, em lentas ondas circulares,
a morada a que confinaram esta vida minha;
a que devo tal gratidão?

Sei-me ausente,
neste abandono pilhado à saudade,
por este doer de parte de mim que não sinto,
no arrastado passo em torno desta imagem
que à minha frente se ergue,
qual de mim a verdade
as paredes por onde tiraram meu plexo
ou o incompleto,
como eu,
que nasce do solo em reflexo?

Quedo-me,
com cuidado,
não vá resvalar e quebrar minha honradez,
sorvo,
com o que me resta de coragem,
as gotas onde construí minha mentira,
por verdade o bom homem se atira
de vida feita à espada,
porque esta viagem, sem comoção, não vale nada
e eu,
cansado,
sacio a sede de sentir
de joelhos no chão,
a mim mesmo dou perdão,
e sorvo o que me prende a *Portucale*,
pois a verdadeira voz não tem túmulo,
que por ela fale.



Apenas as folhas me esculpiram,
não me sobram ramos
ou cortejos,
de minha alvinegra lembrança,
entre os que partiram,
apenas ténues frutos e biselados beijos.

A incorruptível memória
torneará as próprias nuvens, que teimam em aglomerar
sozinhas
em pleno ar,
imagens de ti
ou de um quase perfeito amor,
porque me mandam os olhos
ainda que cegos
fingir-te pintar o mundo a uma só cor?

Eu
de lascas contrafeito
guardo a tua passagem
quando meu corpo transladado
do que lacremejo sem chorar
a teu anónimo lado
for repousar,
ainda em viagem,
mas já não cansado.

De costas,
voltada,
a vida parece não te conhecer pelo nome,
mas sei-o eu,
talvez por me encontrar de mim de saída
tateio o chão e escrevo-o,
na palma de minha mão adormecida
e na eclosão de uma veste que o tempo desfralda,
as letras que outros te chamavam,
Mafalda...



Levei no tronco estampa de guerreiro,
vi, a cada nascer do dia,
olhos desenharem no céu o teu nome
enquanto mar ia.

Tem-se o amor laivos de plenitude,
mostrar-se nu, puro, na tua face
ruborescendo minha juventude.

Nunca me viram as terras mais que um corpo frio no braseiro
e, enfim, eis-me aqui, cavaleiro,
senhor de mim escravo de uma espada,
faço-me ao dorso da saudade
além mundo que se ergue atrás de sete colinas, sete tesouros,
enfrentando medos e abandono,
cativo solitário sob faces de mouros.

Oro enquanto deus adormece,
queira este mesmo céu que na distância nos une
levar a teu peito minha prece
manter fogueado o braseiro
o lume,
cravar a inocência em forma de coração
dois nomes
um pinheiro.

Traz-me o vento em larga passada
encurtando dias pela metade
para poder o rosto macerado pela guerra ver
feição de mulher amada,
sentir peito no meu peito bater.

Abasteço a coragem em margens do Paiva,
ergo espada contra fraqueza da tirania e raiva,
faço combate batalha e guerra uma última vez.

Por tais de boa vista se fará o que nunca se fez,
cravar memória de derrota lá, onde o amor nasceu.

Cada homem tem-se na luta só
menos eu,
que sou teu.



Ancorei sem castelo
ainda
no serviçal serviço da flor,
brotar Sol e não vê-lo
germinar a pétala sem lhe saber a cor
e o que sobra, do belo
transparece
nas palmas da artesã
que em si mesma se tece.

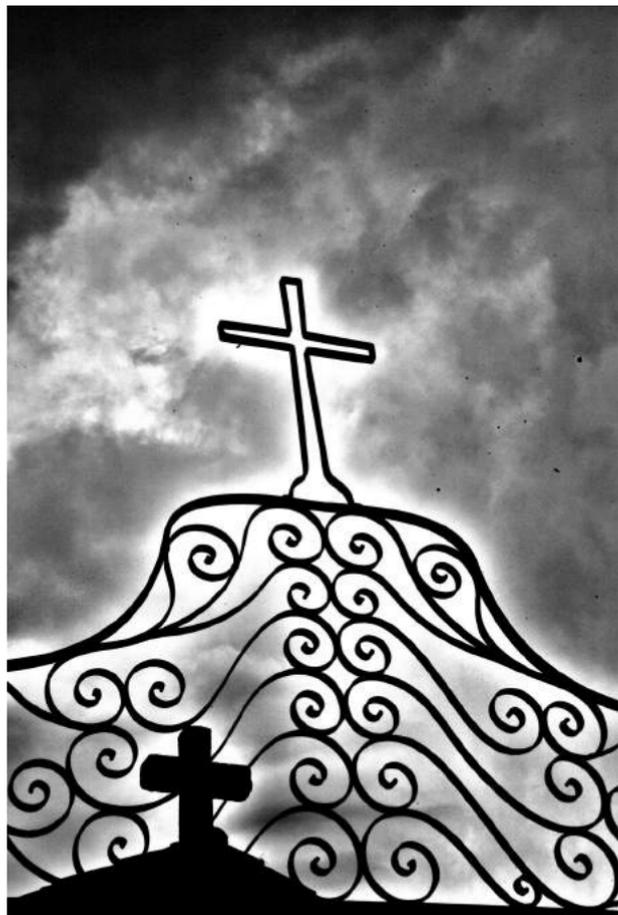
Vou sem vir
volitando forma de uma vida debruada,
sorrindo sem sorrir
quer-me a lenda santidade
eu caminhando peregrina
agora, sem idade,
recolho o que o tempo me deu
e faço-me, de novo, mulher menina.

Da cruz a pedra
o leito firme de um traslado,
verto o horizonte ao passar
seguro a vida de quem em vida não me olhou
prestando homenagem ao suor
anónimo
que na morte meu corpo segurou.

A visão vai escorregando num limbo crepuscular,
a fluidez de uma memória
entre as pessoas que por mim passam a orar
contornando a sua própria glória,
enquanto o dia se escapa pelo anoitecer
corpos invisíveis perecem
porque não se souberam nascer.

Plasmo no inefável a figura
sobre a espada a perpendicularidade do sagrado,
voltar-me-ei para a palavra que faz de ti empedrado
e, sem letras, além do que flori
planto a centelha nas frestas do que sonhas.

Momento chegará em que, cansado, te dirá o infinito,
tudo o que da vida queremos ouvir
já por nós foi dito.



É aqui.

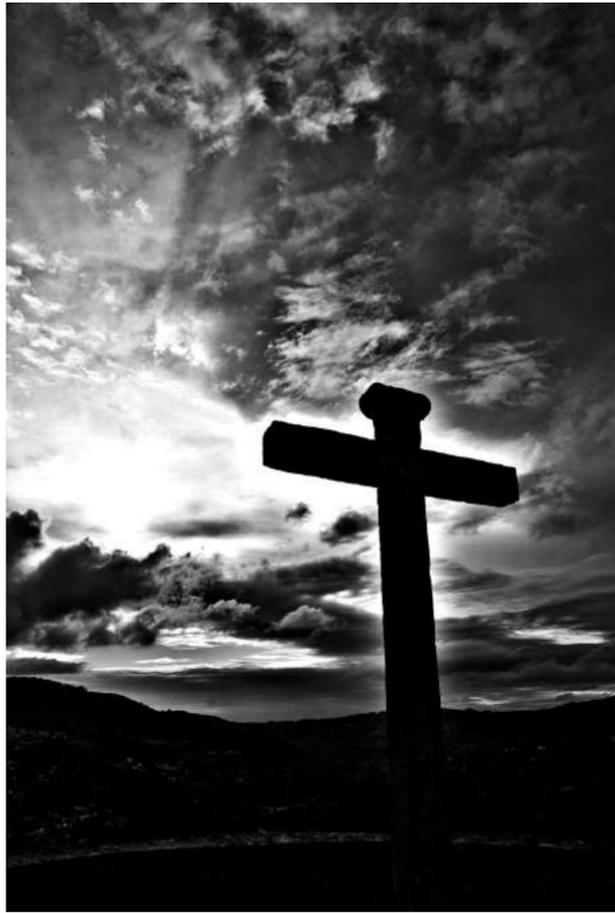
Forjada no fogo que eu própria atijo,
que me pari,
da vida para a morte
- se se alcança tal sorte -
é sem um grito sequer
que do hábito se nasce mulher.

Pelos corredores agora vazios
já sem o calor de uns braços frios
vejo cair do céu
para os montes
rios
onde desaguavam meus devaneios,
beneditos fossem e viessem
nas grades onde minhas mãos suassem
e te conhecessem meus seios.

Se não nos fez Ele antitéticos
em mundo de serpentes e sereias
diz-me, homem,
as divindades que receias
estão aquém do nublado horizonte
cercados de orações,
protegidos por ameias?

Repousam fora de mim
as estrelas,
espadas,
o que vi
vi e morreu comigo,
quis-me a vontade de despir indumentária
no segredo de um castigo
ver no teu corpo minha área
para fazer-me santuário
contigo.

Trajo vestes mundanas,
no sacrário
repousam,
indistintas,
minhas vidas profanas
para que apazigues as pérfidas mandíbulas
e libertes o resto destas almas
desumanas.



Faço de cada memória o horizonte que não vejo
entreguei a espada à vida,
conquistado
o futuro amanheceu,
antes de mim só eu
e os que se ergueram no passado.

De eu próprio nada resta,
um túmulo sem vértice
ou aresta,
transpiro o sangue de meus homens
mil almas ainda a lutar
sem canhões
marchar, marchar.

No peso do inanimado uma armadura,
sem haver invocação dum ato
o que na cronologia perdura?

Aqui me fiz homem,
nunca como antes sinto falta tua
a pacatez da sombra do teu vulto,
uma mão alva, nua,
retrocedia à coragem a força do tumulto
e erguia, como cruzeiro,
o meu torpe andar.

“Um dia serás guerreiro”, dizes-me
e eu, petiz,
que acredito na força do que o rufar de um coração diz,
conquisto raízes à terra
e luto com minha própria sombra,
sem cogitar exaurir-me de guerra,
do sangue de uma nação
derramado,
em pedra.
/...

... /
Nas minhas costas ergueram culto,
não me seduz,
quero de religião o nascer do Sol
o ocaso,
a lua, estrelas,
o amor que nos encontra por acaso.

Sinto tua mão no meu espectro,
guias-me a visão até não ver
o mundo,
nunca me quis rei, apenas vagabundo,
mentir à mentira,
rumar sul entre douro que à prata vai,
a cada instante que a história te chama aio
suspiro,
queria tanto ter-te chamado pai.



Urdo fios
às meadas
antes de me fazer às escadas,
cansaço em espigão
vulto esfomeado
sem pão,
sacia-me o vazio
e a projeção de meu lado
fruto, meu trabalho,
afasto o frio das fronteiras
simulando borralho.

Salvado
ofereço-me a ti
rei e justiceiro,
faz de mim tua lança
sei teu vale como meu cordeiro
eu
pastor e guerreiro
guardador das bermas do Bestança
de toda a água que correu
no sôfrego poderio mouro
caindo, sem a verem, do céu
em inclinada imaginação
até ao Douro.
/...

/...

Arqueio-me na aspereza
que minha pobre e calejada mão não sente,
desconheço as palavras
com que o silêncio te reza
nem passos
ou abraços
que me tenha a vida à espera,
apenas o olhar
conquista
tudo o que me sobrar
onde alcança a vista
o passo que se quer dar
não traz guerra ou paz
é o tempo que me faz
maturando-me o caminho
separando-me
a incerteza da dúvida
sacralizando o ar
tatuando no alcance a silhueta
de onde me avista o mar
e a montanha
oferece-se sem forma
sem passo dar
caindo da mão que a apanha
para, na queda, se salvar.



Entre o Sul
o Norte
e a cardealidade de uma flor
um passo forte,
na candura de um inócuo amor
a ignorância, gradeada, não alcança
o flutuar da ascensão de uma criança.

Qual de mim meu lado
em séculos vendado
um presente espartano,
alcança-me o sorrído sagrado
ou o silêncio
sussurro de um escuro profano?

Vigio a entrada do que sou
no anjo petiz
alado, ausência de um passado
voou,
feliz,
serei resposta à caminhada
lá
onde não sei porque vou?

Cansado,
o homem degraudiza-se em sombra
sem ferrolho
cadeado
encadeia o granito lado a lado,
na alma o casulo
não se arromba com um grito
e o futuro,
crisálida,
apenas um mito.

Sem coreografares
o divino preenche os espaços em ti
outrora vazios,
não te vejas vestida de olhares
fruto de quem não se sorri
o esfaimado profeta nu
anuncia a tímida brisa dos gentios
soprando,
para ser como tu.
/...

.../
Princípio a visão de te olhar
sem capitéis
ou rosáceas para aguardar,
em torno da luz
apenas o compassado andar
da noite
segue o caminho que a lua aceite,
penderão os tempos das mísulas
e tu,
ardendo em lento crepitar
princesa
porque o teu sorriso
impoluto
é uma vela...
para sempre
acesa.



Vai e volta,
de arco, perfeita
a maré que por mim se revolta,
sem margens à deriva
ondas de um irmão navegado
nada há que a mão do homem não consiga
se por entre as pedras
cautelosas
se sinta amado.

Pouco me resta,
de sede
e travessia,
a silva que me prende a fresta
o pó do caminho
que minha fé lhe pedia.

De olhos afogados
meninice de uma fresquidão anunciada
esqueço horas,
séculos
e segundos por mim afugentados,
todo o barco tem medo
(não é segredo)
de se perder à madrugada
e ver cair o céu
sob os passos de um exército sem quartel,
apenas as pontes
(a postura ao encontro de filhas da mesma berma)
não se intimidam pela simplicidade
de um barco de papel.



Quer-me o vento
a água
tudo que possa meu vício sorver,
incógnito abro-me ao firmamento
de pés descalços no chão
sem nada temer,
encarregar-se-á a vida de me escrever
carimbar nas nervuras
vestígios da tentativa de o tempo conquistar,
sou terra baldia
sem milagres ou curas,
vale-te a compleição do artista
aguardar em dois ramos de ferrugem
o tempo
que tudo conquista.

Conventualmente
orando pecaminosamente
o burgo entrelaçado que se despe(de) lá fora,
aguardo monástico
penitentemente
a caridade de um corpo ardente
que na minha boca ora.

Não me tenho de sede
hão de haver escarpas onde o fazer
articulações da memória
que façam da minha ânsia faminta
sua história.

Conquista-me já fluidamente
recantos de vida agreste
carente,
a morte de milagre se ver
o fruto
a peste,
venha a mim o reino
todos os dízimos de suores teus
faça-se em vós a nossa vontade
para que penses ter sido deus.
/...

... /

Repouso cansado a cabeça nesta ária fria,
a amizade desvinha-se em verdes sagrados
não, não o sabia,
as difíceis paridas da vida
eram o fruto de ventres vagos
cuja existência não encontrava saída.

Corajosos gados
pastoreados por obedientes donos
todos em mim ruminando milagres,
pasto de um passo passado
onde nasceram doces e acres,
carregando leveza no lombado onde antes pendia o pecado
que não me seduz,
procuro apenas o descanso folheado
na ajuda silenciosa para de mim mesmo parir
esta cruz.



Encontro um silêncio incompleto,
uma ausência que se exhibe
e adormece
solitária
num corpo aberto.

De mim apenas tempo
pedra quase sobre pedra,
um olhar entre luz
tem de mim meia sombra
e ainda este encanto,
sem canto,
tem por peneira o suor
e, por brasão, o amor.

Das ruínas sobram-me as sinas
de quantas vidas antes desta
possa eu dizer
meu corpo é monumento
sem visível aresta.

Faço do entardecer coragem
e da fé miragem,
se me quero horizonte
algures entre a sede
e a fonte,
empurro exausto a lembrança de quem nada pede
e vou caminhando
sem o mundo mover,
desta caminhada sem compasso
não nos sabemos,
não,
se a morrer
ou a nascer.



Ousasse eu repellar
inimigo em mim mesmo,
sombrear attento e sem entusiasmo
minha alma d'hum corpo a fingir.
Quanto a combater e eu
prisioneiro
lutando sozinho,
pareceu
à vista ensanguentada
gentes a pé, a cavallo, franqueando pão e vinho,
correndo como fogo em seara seca
tratando por bandoleiros
nós
que, por outros, aqui pé pozemos
morrendo à sorte
sós
uma e outra vez
na batalha e na caneta
sem nunca o desejarmos.
Percurso a paliçada,
principiarão quando prompts
regresso cada um a sua morada
em andar de tormento
sem fulgor no peito,
tem nas mortalhas humanas que veste o regimento
este triste effeito.

Quanto me faltará,
preso
reflexionando,
de tempo e pequenez?
À pátria, lar,
onde moro sem habitar,
poderei algum dia, ainda que morto, ser portuguez?
/...

... /

Vou sorvendo caminhadas,
intervalo pequeno onde me esgueiro albergado
da sede canavial
dormindo sempre acordado
gotas que as lendas alcoforadas
chamarão de boas
às vezes.

De mil réis a um príncipe
deixo o que me agarra de tributo ao dia,
volvidos os anos
e solidão de companhia
(apenas a terceira),
não encontro, ainda,
quem me sacuda da sombra
e me deixe seguir viagem
para a minha beira.



Enquadro
a postura
enquanto me olho a observar
do chão ao solo
um vento quente
salvador,
tenho ainda tanto para andar...

Derivei-me da própria sede de viver,
fiz-me nascente de nascentes
o berço único de onde pari
e parti,
para ti.

Soçobra o que sobre de mim,
cogito
e agito
as brisas que se penduram nos ramos
nas folhas,
vegetal
e papel,
constroem ondas verdes
das quais não conheço tonalidade,
tão gastos olhos sem idade,
fitam névoas apenas
eles
contados passos de centenas
à distância de uma nervura
cálida bruxuleante bandeira
nascem vultos contrafeitos
filhos de tempos desfeitos
não cabem eles
e os sonhos
neste vale estreito
ocupado está com a noite que visto
e dispo
quando sozinho me deito.

Não sei o que me ler
se alcance a projecção do som
ouça o que houver
havendo de ti bastará o dom
orbitar a íris do que vês
cair aos lábios e não beijar
tocar o corpo e sentir terra
deslembrando ao morrer meu próprio corpo,
a ressuscitar.



Saboreio
nos meus dias meios
o entrelaçado do mundo
entre o céu
e os meus receios,
levam-me o véu
nos coloridos raios da brancura
oscilando ondulação
o amor
que ao infinito me segura
como sua filha
pela mão.

Nuvens
brancas, negras, chuva fosse!,
a vida é da cor que eu quiser
sabor de algodão doce,
criança menina fruto
inocência
no caminho para mulher.

Cedo
espaço ao firmamento
à fugaz luz das estrelas
sou meu próprio monumento
vela-me sem velas
porque não temo o medo.

A luz brota de um pavio
chamas
do azul ao amarelo
na luminária da vitória do amor,
amas,
cordel de um esvoaçante acordar
sustenta teu próprio capitel na rota pelo caminho,
de ti à atmosfera um soluço perdido
séculos cantados pela voz muda do destino
em nós um nó de ouro fino
une passos separando o que nos liga à escuridão
no ascender de uma prece
brota das abóbadas o voar para que não te esqueças
a noite é apenas noite
para que o dia nasça
e, tu, amanheças.



Este calor recorda-me que não vivo,
ergo as mãos e tateio
céu
e noite,
até do voo altivo
me escondo neste tempo que receio.

Circundo-me
em muralhas revoltas,
com lendas surdas de paixão
e honras devotas,
aduelo-me
sem entraves à conquista
guerreio-me,
abandonado pela própria vista
permaneço de menagem à guarda
na solidão de quem não sabe
à sua porta
uma velha vida se separa.

O ondular do vento
afago as flores,
ao longe jorram águas das nascentes,
se o horizonte me deixar serei senhor do tempo
longe de praças,
guerras ou dores,
flanqueado de brisas,
de gentes...

Acorda-me o dever,
ergo a custo minha forma invisível
e acalmo esta ânsia de viver,
quero-me ainda a proteger o resto
das chuvas
a cisterna,
é hora de arma ceder a outro eu,
que comigo no sonho se alterna.



Badalando-me
prendo-me ao caminho
sem me deter pelo passo dado,
empedrado
o tempo parece sofrer
nas consequências de contra ele se debater.

Chegado a mim mesmo
em portas fechadas me abro,
entre deus e o diabo
comando eu
trazendo no peito a vontade
de ver o mundo meu
só meu...

A linearidade das horas
o compasso assíncrono
infla vida no meu andar,
percorro desmedido as abóbadas do que tenho
chegando sôfrego aqui
sem saber ao que venho.

Desfaço-me em sisal
o peso do peso num corpo
homem
a janela finada onde pendeu o pêndulo
consagra a riqueza daquele que nada tem,
andei
arqueado pelo latejar do ponteiro
aguardando por vezes num qualquer canteiro
para que o futuro não saiba que, um dia, chorei.

Se de mim cansaço
na cova apenas um leão
chama pela corda o chão
e eu, sem saber porque o faço
(será isto oração?)
pouso na terra o joelho
e à eternidade me condeno,
de costas para o tempo, nunca me soube velho.

NORBERTO VALÉRIO

Nasceu em Trás-os-Montes,
por altura dos cravos de abril.
Há 20 anos que se dedica ao ensino
e ao melhor do mundo: as crianças.
Iniciou a sua atividade profissional
na ilha de São Miguel, Açores,
onde também se rendeu à fotografia.
Escrever com luz, mais do que captar
imagens, tem sido, desde então, uma forma
de expressão e exteriorização de sentimentos.

MIGUEL GOMES

Nasceu no Porto e desde escassos dias
de caminho que habita na freguesia onde
repousa D. Gonçalo Oveques.
Travou batalhas nas trincheiras tecnológicas
(informática, gestão de produção, automação
industrial), com pacíficas incursões nos campos
da formação e ensino onde colheu nos olhos
doutros o encontro das vozes com o silêncio.
As palavras proferidas saem-lhe mudas,
por isso, afirma, escreve na procura de olhares
que o escrevam.

A Rota do Românico, que agrega 12 municípios – Amarante, Baião, Castelo de Paiva, Celorico de Basto, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel e Resende –, tem representado para o território do Tâmega e Sousa um grande desafio, enquanto projeto de desenvolvimento regional, aproveitando um importante património constituído por 58 monumentos românicos.

Este projeto visa, assim, constituir-se como uma estratégia dinamizadora para uma nova economia social regional, designadamente nas áreas do turismo, da conservação e salvaguarda do património, da produção de conhecimento científico, da educação patrimonial e da cultura.

Implementar um programa cultural que contribua para o desenvolvimento do território da Rota do Românico, potencializando os objetivos gerais e a missão deste projeto, assume-se como propósito último do programa a que designamos de “Palcos do Românico”.

Com o “Palcos do Românico” pretende-se valorizar, de forma sustentada, o nosso património imaterial – contos, lendas, músicas, danças –, dando-lhe uma nova vitalidade e significado. Este extraordinário recurso, memória e identidade mais profunda da nossa comunidade, constitui a matéria-prima sobre a qual se deseja intervir e a partir da qual se pretende produzir novos bens culturais e criativos, com relevante valor social, cultural e económico.

Por outro lado, a utilização do património edificado, transformando-o em “palco” de criações artísticas, permite uma valorização do mesmo, aumentando a sua visibilidade e o conhecimento das comunidades e visitantes.

A comunidade do território da Rota do Românico é também um elemento fulcral deste processo que é o “Palcos do Românico”. Num programa que assenta, fundamentalmente, em novas criações artísticas, ligamos profissionais a amadores, residentes a não residentes, nacionais a locais. Pelo seu envolvimento intrínseco e pela sua participação ativa nesta construção coletiva, a comunidade local merece um lugar de destaque neste “palco”.

O “Palcos do Românico” põe, assim, em evidência o papel deste território na nova produção cultural e exprime um modelo que se diferencia da abordagem convencional, pela utilização de valores e tradições locais ao serviço da criatividade contemporânea.

Rota do Românico
Caminho de Encanto

Organização
Rota do Românico | Palcos do Românico
Coordenação Geral
Rosário Correia Machado
Direção Artística
Mundo Razoável
Fotografia
Norberto Valério
Texto
Miguel Gomes
Design
Atelier d'Alves
Paginação
Rui Silva
Pré-impressão
Luís Sousa Comunicação
Impressão
Orgal Impressores
Tiragem
500 exemplares
Edição
1.ª / outubro de 2014

ISBN
978-989-98052-5-5
Depósito Legal
382326/14

Rota do Românico
Praça D. António Meireles, 45
4620-130 Lousada
255 810 706
910 969 705 | 910 375 891
palcosromanico@valsousa.pt

produção



parceiros

TERREIRO DO PORTO E NORTE DE PORTUGAL

portoenorte™ **TRANSROMANICA**
The Romanesque Routes of European Heritage

parceiro de media

ANTENA 2

cofinanciamento



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional



Este catálogo foi impresso
em papel Cyclus offset 140 gr.
e composto em caracteres
Calendas Plus.

